



IPG Politécnico
|da|Guarda
Polytechnic
of Guarda

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Licenciatura em Comunicação e Relações Públicas

Rafaela Cristina Ferros Faria

julho | 2015



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
Instituto Politécnico da Guarda

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

RAFAELA CRISTINA FERROS FARIA

RELATÓRIO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIADO

EM COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

julho/2015

Ficha Técnica

Ficha de Identificação

Nome: Rafaela Cristina Ferros Faria

Número de Aluna: 5007236

Curso: Comunicação e Relações Públicas

Estabelecimento de Ensino: Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto

Orientador: Professor Doutor Handerson W. Engrácio

Local de Estágio

Instituição: Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A.

Morada: Rua Dr. João Couto, Lote C 1503-809 Lisboa

Telefone: (351) 21 7116500

Fax: (351) 21 7116531/32

Site: www.lusa.pt

Responsável pelo estágio na Organização: Professor Doutor Ricardo Jorge Pinto

Cargo: Diretor-Adjunto de Informação

Período de Estágio: 3 Meses (15 de setembro de 2014 a 15 de dezembro de 2014)

As coisas são como são e todos os momentos contam!

Agradecimentos

Nesta reta final do meu percurso académico, é chegado o momento de reconhecer todas as pessoas envolvidas e exprimir o meu profundo e sentido agradecimento.

Em primeiro lugar, desejo agradecer ao Instituto Politécnico da Guarda e a todos os docentes pela oportunidade de formação, por todos os conhecimentos que me transmitiram e por todas as vezes que me obrigaram a dar mais de mim e assim, me ajudarem na minha formação como ser humano mais empenhado.

O meu grande agradecimento para o meu orientador de estágio, o Professor Handerson Engrácio, por toda a dedicação, compreensão, paciência, apoio e aconselhamento que me deu durante todo este processo, prestando-me todo o acompanhamento que me permitiu realizar o sonho de ser jornalista.

De seguida, envio um especial agradecimento para a Agência Lusa e a todos os seus colaboradores, que me acolheram, ensinaram e ajudaram a realizar o meu estágio, proporcionando-me uma experiência fantástica, que me fez crescer como pessoa e como profissional de jornalismo. Agradeço a todos pela paciência que tiveram nas minhas dúvidas e inseguranças, pelo sentimento de pertença e por todos os bons momentos.

Quero agradecer particularmente aos chefes de redação, José Pedro Fonseca e Paulo Nogueira, que desde o início nos puseram à vontade e estiveram sempre presentes e disponíveis ao longo do estágio. Aos editores, Paulo Agostinho e João Gomes, das editorias de Lusofonia e Mundo e País, respetivamente, por me acolherem e por todo o apoio. Aos editores adjuntos, Vera Magarreiro, Eduardo Lobão, António Pereira Neves, João Roque e Rosa Carreiro por todas as correções que fizeram dos meus trabalhos, ajudando-me a crescer como profissional. Aos jornalistas Ana Cordeiro e Pedro Sousa Pereira, com quem fiz mais serviços, agradeço todo o companheirismo, partilha de experiência, auxílio, esclarecimento e amizade com que me incluíram nos seus trabalhos. Com todos aprendi muito.

Finalmente, desejo agradecer aos meus pais, “Maina Mutter” e “Paizola”, que, com todos os sacrifícios, me deram a oportunidade de estudar e nunca me deixaram desistir nem nunca desistiram de mim. Sem eles nada do que tenho ou sou, seria

possível. À minha “Pé de Feijão”, por ser mais do que uma irmã, mas uma amiga e companheira, nesta minha fase da minha vida.

E como não podia esquecer, queria agradecer ao “Petisco”, “Açores”, “Pupa”, “Bela”, “Madeiras”, à Ftuna e a todos os outros amigos que fiz na cidade da Guarda (e que não posso mencionar todos), por todas as experiências, companheirismo, gargalhadas e principalmente pelas memórias que levo dos bons momentos da nossa amizade. Obrigadão malta.

A todos um sincero obrigada. Sem algum de vocês, nada disto seria possível.

Resumo

O estágio curricular representa a minha última etapa para a conclusão da Licenciatura em Comunicação e Relações Públicas.

Realizado na Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A., o seguinte relatório descreve todas as funções que desempenhei no estágio, as quais se resumem a tratamento da informação e redação de peças noticiosas.

A exposição destas atividades tem como objetivo transmitir todos os conhecimentos, práticas e experiência que adquiri durante esta etapa.

Palavras-chave: Jornalismo, Agência Lusa, Peças, Breves, Comunicação.

Abstract

My internship report represents the last phase of my graduation in Communication and Public Relations

Realized in Lusa - News Agency Portugal, SA, the following report describes all the functions that I played on stage, which boil down to handling information and writing news items.

The exhibition of these activities aims to transmit all the knowledge, practices and experience I have gained during this process.

Key-words: Journalism, Press Agency “Lusa”, News, Shortnews, Communication

Índice Geral

Introdução	1
1 – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A.	4
1.1 - Apresentação	4
1.1.1 – Resenha Histórica	5
1.1.2 – Estatutos da Lusa	6
1.1.3 – Estrutura Acionista	6
1.1.4 – Conselho de Administração	6
1.2 – Serviço Público	7
1.3 - Enquadramento Regulamentar	9
1.4 - Missão e Valores	10
1.4.1 - Missão	10
1.4.2 - Valores	11
1.5 – Identidade Visual	11
1.5.1 - Nome	11
1.5.2 - Logótipo	12
1.5.3 - Comunicação Externa	13
1.5.4 - Comunicação Interna	14
1.6 – Ética e Deontologia	14
2 – O Estágio	17
2.1 – Plano de Estágio	17
2.2 – Semana de Formação	18
2.2.1 - Dia n.1 – (15 set) (1º dia de formação)	18
2.2.2 - Dia n.º2 - (16 Set) (2º dia de Formação)	18
2.2.3 - Dia n.º 3 - (17 Set) (3º dia de formação)	19
2.2.4 - Dia n.4º (18 set) (4º dia de formação)	20
2.3 – Atividades Desenvolvidas	21
2.3.1 Editoria de Lusofonia e Mundo	21
2.3.1.1 – Trabalhos Desenvolvidos	21
2.3.1.2 - Trabalhos Publicados	24
2.3.2 – Editoria País	27

2.3.2.1 - Apresentação	27
2.3.2.2 – Trabalhos Desenvolvidos	27
2.3.2.2 – Trabalhos Publicados	28
2.3.3 – Piquete	30
2.4 - Peça de Investigação “Turismo de Cemitério”	31
2. 4.1 – Recolha de Informações	32
2.4.1.1. – “Turismo de Cemitério”	32
2.4.1.2 – O Cemitério dos Prazeres	34
2.4.2 – A Entrevista	35
Reflexão Final	37
Bibliografia	40

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Organigrama Lusa	37
-----------------------------	----

Índice de Figuras

Figura 1- Logótipo Lusa	12
Figura 2 - "Ébola: Empresas fabricantes de materiais de proteção contra vírus valorizam-se".	26
Figura 3 - "Empresa indiana recompensa trabalhadores com carros, casas e joias".	27
Figura 4- "Jovem polaco quebra recorde do Guinness de videojogos após cinco dias a jogar".	27
Figura 5 - "Dois Viajantes em quarentena na Colômbia e no Dubai".	28
Figura 6 - "Jovem trafica droga junto a escola".	30
Figura 7- "Detido por tráfico de droga junto a escola".	31
Figura 8 - "ASAE faz rusgas em feiras e mercados".	31

Lista de Siglas

ANI – Agência Noticiosa de Informação

ANOP – Agência Noticiosa Portuguesa

CIPRL – Cooperativa de Interesse Público de Responsabilidade Limitada

NP – Notícias de Portugal

ONU – Organização das Nações Unidas

Glossário¹

Agenda – Termo utilizado no jornalismo para designar o que “é falado naquele momento”, e assim sendo direcionar a recolha de notícias (os “temas do dia”).

News Asset ou “Luna” – *software* informático utilizado internamente para a redação, correção e permuta de notícias entre os vários colaboradores da Agência Lusa.

Passwords - Palavras-chave, semelhantes a um código.

Site – Página online permitindo a partilha de informação

Sony Vegas – Programa de tratamento de ficheiros áudios, de utilização simples.

Workshops – Pequenas sessões de esclarecimento e atividades práticas para apresentar determinada temática.

¹ Com base nos conhecimentos adquiridos ao longo da formação em Comunicação e Relações Públicas

Introdução

A conclusão da licenciatura em Comunicação e Relações Públicas requer a realização de um estágio curricular com a duração de três meses.

Das várias vertentes que o meu curso abrange, a que mais me interessa e motiva, a título profissional, é o jornalismo. O jornalismo é a atividade informativa, realizada periodicamente e difundida através dos meios de comunicação².

Como processo – de recolha, seleção e tratamento de factos –, o jornalismo “objetiva o despertar de sensações do público, divulgando acontecimentos segundo a exploração de um ponto em permanente conflito” (Vicente e Zanotti, 2013: 15).

O jornalismo é uma atividade que remete a sua origem para a das primeiras civilizações. Surge através de fenómenos pré-jornalísticos, numa série de suportes – crónicas, cartas, almanaques populares, folhas volantes-, que expõem a, contínua, necessidade de partilha de informações.

Com a evolução da sociedade e a partir do aparecimento das gazetas, no século XVII, consideradas como os “primeiros jornais”, devido às suas características – periodicidade, textos simples, fontes, vários tipos de conteúdos, entre outros -, até à atualidade, o jornalismo evoluiu para uma atividade reconhecida profissionalmente, com direitos e deveres para com os cidadãos, servindo como contra poder, na denúncia dos abusos governamentais e para a globalização das informações. “A teoria democrática argumenta que o jornalismo, (...), deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com os instrumentos vitais para o exercício dos seus direitos e a voz na expressão das suas preocupações (Traquina, 1997:66) ”

A par disto, a evolução tecnológica permite ao jornalismo, atualmente, vários meios de comunicação, desde a imprensa escrita, radiofónica, televisiva, digital e de agência, cada um com diferentes abordagens.

De todos os órgãos de comunicação, escolhi a Lusa – Agência de Notícias, S.A., para estagiar, onde tive oportunidade de desenvolver as competências adquiridas ao longo do curso de Comunicação e Relações Públicas.

O seguinte relatório descreve tudo o que fiz na Agência Lusa – em consonância com o descrito no Plano de Estágio (anexo I), que consiste na angariação, tradução,

² <http://www.significados.com.br/jornalismo/>

seleção e tratamento de notícias, redação de notícias e breves e contacto com as fontes -, e, para tal, está dividido em dois capítulos:

No primeiro capítulo é apresentada a Lusa como organização, a sua evolução, caracterização interna, funções e compromisso. O objetivo deste capítulo é dar a conhecer, de uma forma mais aprofundada, a organização e as políticas por que se rege.

No segundo capítulo, começo por uma pequena abordagem dos conhecimentos teóricos utilizados, apresentação das editorias em que me inseri e de seguida faço a descrição das atividades que desenvolvi durante estes três meses. A apresentação das atividades, principalmente, tem como objetivo permitir uma avaliação mais pormenorizada, por parte da instituição de ensino, IPG, do que realizei durante o meu estágio na Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A.

No final dos capítulos exponho uma reflexão final sobre tudo o que absorvi desta experiência e a minha apreciação crítica da mesma, tanto a nível da instituição de ensino como da organização em que realizei o estágio.

Ao longo do relatório procurei relacionar os conhecimentos, adquiridos durante a minha formação em Comunicação e Relações Públicas, e fundamentá-los recorrendo a citações bibliográficas.

Capítulo I

Lusa - Agência de Notícias de Portugal, S.A.



1 – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A.

Este primeiro capítulo tem como objetivo dar a conhecer a organização em que realizei o meu estágio curricular.

Para dar início ao capítulo, apresento a Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A., desde a sua génese até aos dias de hoje, seguido pela caracterização da mesma, como organização. A informação utilizada foi retirada do *site* Agência Lusa ou recolhida por mim, durante o estágio.

1.1 - Apresentação

Uma vez que a Lusa é, atualmente, a única agência noticiosa em Portugal, considero pertinente apresentar um pequeno resumo da sua história.

Como agência, a Lusa tem como função a recolha e a comercialização de notícias para outros meios de comunicação. Com base no que me foi transmitido, atualmente a Lusa, é o órgão de comunicação em Portugal mais fiável, a partir da qual outros órgãos retiram material noticioso e confirmam informações. Como refere Fernando Correia (1997:162), “o noticiário de agência é definido como «rigorosamente factual»”, especificando que no caso da Lusa “privilegia-se o termo «imparcialidade», e é como um atributo desta que a «objetividade» aparece, no contexto de uma clara separação (como aliás é tradição das agências de informação) entre os factos e as opiniões”.

A sua sede localiza-se em Benfica, Lisboa, onde trabalham cerca de 208 jornalistas³ e é apoiada por seis editorias regionais (Porto, Coimbra, Évora, Faro, Funchal e Ponta Delgada). Para além destas ainda tem delegações internacionais na Europa – Alemanha, Berlim; Bélgica, Bruxelas; Espanha, Madrid; França, Paris; Luxemburgo, Luxemburgo; Reino Unido, Londres; Suíça, Genebra -, África – Angola, Luanda; Cabo Verde, Praia; Guiné, Bissau; Moçambique, Maputo; São Tomé e Príncipe, São Tomé -, América do Norte – Canadá, Toronto; Estados Unidos da América, Nova Iorque -, América do Sul – Brasil, São Paulo; Venezuela, Caracas -, e

³ Segundo o que recolhi junto dos colaboradores da Lusa

Ásia – China, Macau; China, Pequim; Indonésia, Jacarta; Timor-Leste, Díli⁴ -, tornando-se o órgão de comunicação português com o maior número de correspondentes (segundo o que foi transmitido durante a formação).

A Lusa não possui nenhum canal, jornal ou estação radiofónica, à exceção da sua página na internet (em que para visualizar a informação completa é necessário ser assinante da mesma); a Lusa não faz difusão de notícias, propriamente dita⁵.

1.1.1 – Resenha Histórica

Antes de abordar a formação da Lusa como agência noticiosa portuguesa, acho pertinente apresentar uma pequena cronologia das agências anteriores.

A primeira agência de notícias portuguesa apareceu em 1944, denominada por Agência Noticiosa Lusitânia, ou só Lusitânia. Em 1947 surgiu a ANI.

Com o 25 de Abril é extinta a Lusitânia pelo regime, que nacionaliza a ANI, transformando-a na ANOP. Em 1982, devido a problemas financeiros, o VIII Governo Constitucional propõe a extinção da ANOP, e apoia a criação da NP, como agência privada, porém o Primeiro – Ministro, Francisco Pinto Balsemão, vetou a extinção, ficando a coexistir as duas agências.

Em 1986, a ANOP e a NP são extintas, surgindo a Agência Lusa ou CIPRL, a 12 de Dezembro.

A 1 de janeiro de 1987, às zero horas, a Lusa iniciou o seu serviço noticioso com um comunicado, distribuído por todos os seus clientes, a informar que⁶:

“Na sequência do processo de formação da Agência Lusa – Agência Lusa de Informação, CIPRL [Cooperativa de Interesse Público de Responsabilidade Limitada] – as agências ANOP e NP cessaram, a partir das 24 H de ontem, a difusão do seu serviço noticioso. A partir de hoje, cabe à Lusa a responsabilidade de elaborar e de distribuir um serviço noticioso nacional e internacional à rede geral de utentes da ANOP e da NP.”⁷

O nome foi alterado para Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A., a 19 de dezembro de 1997⁸.

⁴ Adaptado da informação disponível no *site* <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=contactus>

⁵ Segundo o que apurei aquando do meu estágio

⁶ Adaptado da informação disponível no *site* da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=historia>

⁷ Retirado do *site* da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=historia>

⁸ Adaptado da informação disponível no *site* da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=historia>

1.1.2 – Estatutos da Lusa

Os atuais estatutos da Lusa (anexo II) foram criados pelas sociedades comerciais que estiveram na formação da agência. Até à data sofreram pequenas alterações, sendo a última atualização realizada no dia 22 de fevereiro de 2007⁹

1.1.3 – Estrutura Acionista

Com um capital social de 5 325 000, a Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A., está dividida por oito acionistas, sendo o principal, com 50.14%, o Estado Português. Dos restantes, destacam-se a Global Media Groups e a Impresa – Sociedade Gestora de Participações Sociais, S.A., com 23.36% e 22.35% respetivamente¹⁰.

1.1.4 – Conselho de Administração

O Conselho de Administração da Lusa é constituído por cinco elementos: Maria Teresa Prata Macias Marques, Presidente (Administrador Delegado); João Manuel Pintado Silveira Lobo, Vice - Presidente (não executivo); Luis Paulo Mah Silva, José Carlos Barbosa Lourenço e Rogério Paulo de Saldanha Pereira Vieira, Vogais (não executivos)¹¹.

⁹ Adaptado da informação disponível no *site* da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=estatutoslusa>

¹⁰ Adaptado da tabela disponível no *site* da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=estruturaacionista>

¹¹ Adaptado da informação disponível no *site* da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=governosociedade>

- Estrutura Organizacional (organigrama)

No geral, a Lusa, distribui os seus cargos empresariais, pela seguinte estrutura:

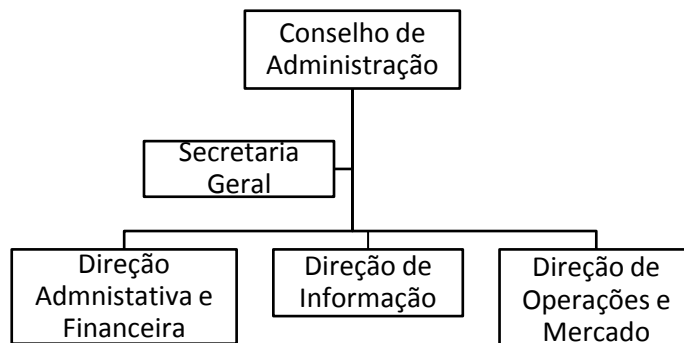


Tabela 1 - Organigrama da Lusa

Fonte: <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=governosociedade> (acedido a 15 de fevereiro de 2015)

1.2 – Serviço Público

Tendo em conta as características da Lusa, como agência noticiosa, e a sua função de prestar um serviço público, no âmbito jornalístico, ou seja, promover conteúdos variados para a promoção cultural e social, cabe à agência facultar informações isentas e rigorosas sobre acontecimentos nacionais e internacionais e garantir a hipótese de expressão e comparação entre as várias correntes de opinião política, religiosa e cultural¹².

Segundo o Contrato de Prestação de Serviço Noticioso e Informativo de Interesse Público, celebrado entre o Estado Português e a Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A., a 21 de dezembro de 2012, em vigor desde 01 de janeiro 2013 até 31 de dezembro de 2015, é obrigação da Lusa¹³.

a) Fornecer um serviço de notícias que contribua para a informação dos cidadãos, promovendo a coesão nacional e a projeção dos interesses nacionais no exterior, abrangendo factos - políticos, diplomáticos, sociais, económicos, desenvolvimentos regionais e locais, culturais e desportivos, produzindo um número médio de 300 e 400 notícias/dia de texto; 30 e 50 fotos/dia; 10 e 20 registos/dia de áudio e 5 e 10 registos/dia de vídeo.

¹² Adaptado da informação disponível no site <https://prezi.com/usbaor0ntriq/sobre-o-conceito-de-servico-publico/>

¹³ Adaptado da informação disponível no site da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=servicopublico>

- b) Distribuir, segundo os parâmetros definidos anteriormente, serviços de notícias específicos para os jornais regionais e locais (entre 100 e 150 notícias de texto e 5 e 10 fotografias); as estações radiofónicas locais (entre 80 e 100 notícias de texto e 5 e 10 registos de áudio); os órgãos de comunicação social de língua portuguesa fora do país (entre 100 e 150 notícias de texto, 5 e 10 fotografias e/ou 5 e 10 registos de áudio e/ou 5 e 10 registos de vídeo); os órgãos de comunicação social de língua portuguesa de Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Timor-Leste (entre 100 e 150 notícias de texto e, se adequado à respetiva atividade entre 5 e 10 fotografias, 5 e 10 registos de áudio e 5 e 10 registos de vídeo); as missões diplomáticas e consulares portuguesas no estrangeiro (entre 100 e 150 notícias de texto); os órgãos de poder local e outros clientes institucionais – Administração Central e Regional do Estado e Universidades -, (entre 100 e 150 notícias de texto) e os órgãos de comunicação social estrangeiros, as agências noticiosas, (entre 10 e 20 notícias de texto e 5 e 10 fotografias).
- c) Manter correspondentes em todos os distritos e regiões autónomas portuguesas, todos os países de língua portuguesa, com numerosas comunidades de cidadãos portugueses e com relações históricas, culturais, diplomáticas ou comerciais com Portugal.
- d) Disponibilizar um serviço noticioso em português, e quando necessário em inglês, de livre acesso na internet
- e) Conservar, em formato digital, arquivos de texto e fotografia, com fácil acesso para os órgãos de comunicação social e ao público em geral.

A seleção e adaptação das notícias previstas nos pontos anteriores são da responsabilidade da Lusa. Para além disso, esta também pode alterar a sua rede de correspondentes no país ou no estrangeiro, sempre que justificado e fundamental para o nível de qualidade do serviço de interesse público, tendo em conta que:

- As alterações na rede de correspondentes precisam de acordo prévio com o Estado português;
- A Lusa apoia a utilização do seu material de arquivo para fins escolares ou científicos, a partir do acordo dos custos que decorreram da sua disponibilização, não podendo ser utilizados comercialmente

- A Lusa tem de dar a conhecer ao Estado Português as tabelas de preços de venda dos seus serviços noticiosos, no mínimo 30 dias antes da sua utilização.
- Os serviços noticiosos serão disponibilizados consoante as condições de aquisição e as tabelas de preços anuais (realizadas consoante a localização geográfica, a dimensão e, em alguns casos, tiragens ou audiências dos órgãos de comunicação social em causa).
- A comercialização ou cedência de serviços noticiosos às entidades referidas não é exclusiva, podendo a Lusa impedir a sua revenda ou cedência a terceiros, e a mesma tem total liberdade de vender ou ceder os mesmos serviços a outros interessados, não previstos no contrato.⁶

1.3 - Enquadramento Regulamentar

Pelo facto de se inserir no setor da Comunicação Social, a Lusa está sujeita a instrumentos jurídicos próprios, para além da legislação aplicável às sociedades comerciais e do regime jurídico do setor Empresarial do Estado¹⁴.

Os principais são:

- Lei n.º 2/99, de 13 de janeiro, que aprovou a Lei de Imprensa com a última alteração pela Lei n.º 18/2003, de 11 de junho, que aprova o regime jurídico da concorrência e dá nova redação ao n.º 4 do artigo 4.º da Lei da Imprensa.
- Lei n.º 1/99, de 13 de janeiro, que aprovou o Estatuto do Jornalista e que foi alterada e republicada pela Lei n.º 64/2007, de 6 de novembro.
- Código Deontológico dos Jornalistas - aprovado em 4 de maio de 1993.
- Contrato de Prestação de Serviço Noticioso e Informativo de Interesse Público, celebrado entre a empresa e o Estado Português a 21 de dezembro de 2013.
- Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, que cria a ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Decreto-Lei n.º 71/2007, de 27 de março - com alterações operadas pela Lei n.º 64-A/2008, de 31 de dezembro, que aprovou o Estatuto do Gestor Público, e pelo Decreto-Lei n.º 8/2012, de 18 de janeiro que modifica as regras de recrutamento e seleção dos

¹⁴ Adaptado da informação disponível no *site* da Lusa
<http://www.lusa.pt/info.aspx?page=enquadramentoregulamentar>

gestores públicos, bem como o regime aplicável aos contratos de gestão e à sua remuneração e benefícios.

- Decreto-Lei n.º 18/2008, de 29 de janeiro - estabelece o novo regime da contratação pública e revoga o Decreto-Lei n.º 59/99, de 2 de março e o Decreto-Lei n.º 197/99.
- Código de Ética da Lusa - aprovado pelo conselho de Administração em 19 de Dezembro de 2008;
- Acordo de Empresa entre a Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A., e o Sindicato dos Jornalistas e outros - publicado no Boletim de Trabalho e Emprego n.º 15, de 22 de abril de 2009.

1.4 – Missão e Valores

Como organização, a Lusa possui determinados princípios que se aplicam a quem se destinam os seus serviços e sob que fundamentos morais estes são realizados.

1.4.1 - Missão

A missão de uma organização consiste no que a mesma se compromete a fazer e para quem se destina, por outras palavras, segundo Daychoum (2007: 35), é a “razão pela qual a organização existe ou foi criada e sobre a função ou tarefa fundamental que dela se espera”.

Como única agência de notícias portuguesa, o objetivo da Lusa é recolher e tratar informação, produzir e distribuir notícias a um alargado espetro de clientes – media nacionais, internacionais, empresas e instituições várias de carácter público e privado –, e prestar ao Estado Português um serviço de interesse público de forma a informar os cidadãos: e afirmar a sua importância nacional e internacional e presença em território nacional e lusófono, “no âmbito da circulação democrática e plural da informação e no da defesa dos interesses estratégicos externos do Estado Português”¹⁵.

¹⁵ Adaptado da informação disponível no *site* da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=estrategia>

1.4.2 - Valores

Os valores de uma organização são o conjunto de crenças ou princípios que ajudam a mesma a exercer as suas funções e a orientar comportamentos, decisões e atitudes¹⁶. “O surgimento e a consolidação de um sistema de valores resultam da complexidade e distribuição diferenciada de informações e poder dentro da própria estrutura (Gagliardi, 1986)”.

A Lusa orienta a sua atividade e comportamento dentro da organização pela clareza, rigor, isenção, pluralidade da informação, rapidez, qualidade e o trabalho em equipa, para além do interesse público¹⁷.

1.5 – Identidade Visual

A identidade visual consiste num conjunto de elementos gráficos – nome, logótipo e *slogan* -, que caracterizam uma organização, permitindo uma fácil memorização e conseqüente reconhecimento do produtor, tipo de produto e público-alvo, transparecendo a política da mesma.

Os elementos utilizados pela Lusa são o nome e o logótipo e pretendem transmitir a ideia de um serviço sério, atual, fiável, rigoroso, rápido e abrangente.

1.5.1 - Nome

O nome de uma organização tem de ser eficaz de forma a permitir o rápido e fácil reconhecimento da mesma. Dos vários tipos de nomes corporativos – individual, associação de nomes, descritivo, abreviado, aglutinação e por analogia -, o nome “Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A., é aglutinação

¹⁶ Com base nos conhecimentos adquiridos ao longo da formação em Comunicação e Relações Públicas

¹⁷ Adaptado da informação disponível no *site* da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=estrategia>

1.5.2 - Logótipo

O logótipo, ou símbolo, de uma organização, tem a mesma função e objetivo que o nome, porém apresenta-se na forma icónica – que deve ser de fácil perceção e grande clareza-, permitindo uma associação rápida com a mesma. Os logótipos podem ser constituídos por nomes e códigos gráficos (cores, tipo de letra e símbolos)¹⁸.

O logótipo da Lusa é constituído por quatro símbolos (forma de “lua em quarto minguante”, globo, linhas de coordenadas e forma de “pequena gota de água invertida e esticada”) e quatro cores (vermelho, verde, preto e branco):



Figura 1 - Logótipo Lusa
Fonte 1 - Retirada do motor de pesquisa Google

- Globo com as linhas de coordenadas: Colocado na posição central do logótipo, o globo, representa o planeta terra, transmitindo uma imagem de globalidade e abrangência transnacional dos seus serviços; as linhas de coordenadas, para além de reafirmarem a ideia de alcance global, simbolizam, também, uma sensação de movimento que transmite rapidez (de serviços)¹⁹.
- Forma de “lua em quarto minguante” e a forma de “pequena gota de água invertida e esticada”: Colocada, a primeira, ao lado, esquerdo, do globo, e a segunda colocada no lado oposto, na parte inferior do globo, incrementam a ideia de globalidade, podendo, também, serem interpretadas, devido à sua disposição e enquadramento, como as velas das embarcações portuguesas, transmitindo a ideia de rapidez e alcance global, mais uma vez²⁰.

¹⁸ Com base nos conhecimentos adquiridos ao longo da formação em Comunicação e Relações Públicas

¹⁹ Análise realizada por mim

²⁰ Análise realizada por mim

As cores utilizadas no logótipo contribuem para que sejam identificados os princípios e ideia da organização que representa, no caso do logótipo da Lusa:

- Verde (globo): Transmite a sensação de equilíbrio, harmonia, estabilidade e tranquilidade. Todas estas características aplicam-se à imagem que a Lusa quer transmitir, como órgão de comunicação, com um serviço noticioso: de que é estável, justo, fiável e transmite sentimento de confiança para com os seus públicos.
- Branco (linhas de coordenadas): Simboliza a pureza, calma e é associado à competência comunicativa e pensamento lógico. Associado à Lusa, reforça a ideia de confiança, imparcialidade e a razão.
- Vermelho e Preto, em fusão, (formas de “lua em quarto minguante” e a de “pequena gota de água invertida e esticada): A primeira é uma cor dinâmica, leva à ação e poder ser usada para transmitir a ideia de urgência. A segunda cor, o preto, representa força, curiosidade, sobriedade e formalidade. As duas cores, em conjunto, reforçam o conceito da Lusa e em contraste com o verde (do globo) remetem para a Bandeira Nacional, permitindo um fácil reconhecimento a nível internacional.

1.5.3 - Comunicação Externa

A comunicação externa de uma organização resume-se à forma como a organização comunica, ou seja partilha informações, com os seus públicos externos (a quem os seus serviços se destinam).

A Lusa é uma agência noticiosa, que comercializa material informativo, e comunica como os seus públicos/clientes através da “linha” – como era chamada pelos colaboradores da agência -, uma plataforma onde estavam dispostas todas as notícias recolhidas pela lusa em que os clientes poderiam retirar todo o material que considerassem pertinente; por via eletrónica (*e-mail*), telefone, através de redes sociais e do seu *site* onde - quando registados como clientes e mediante o pagamento -, é possível ter acesso aos conteúdos que a Lusa produz (mais dirigido a clientes independentes, ou seja, que não estejam ligados a algum órgão de comunicação, utilizando o conteúdo apenas para próprio proveito²¹).

²¹ Segundo o que apurei durante o meu estágio na Lusa

Outro tipo de comunicação externa é a importação de material noticioso de agências noticiosas internacionais, mais concretamente a EFE (Espanha) e a FrancePress (França). Durante a minha permanência na Lusa, os conteúdos informativos provenientes das agências internacionais estavam disponíveis no “Luna” (à exceção deste, não tenho conhecimento de alguma plataforma intermédia). Para além deste, era também utilizado a via eletrónica (*e-mail*), telefone, redes sociais e *sites* das organizações.

1.5.4 - Comunicação Interna

A comunicação interna numa organização consiste na forma como todos os seus colaboradores, que pertencem à organização, comunicam entre si.

No caso da Lusa a comunicação interna é bastante importante, uma vez que as notícias são transmitidas entre jornalistas e editores e vice-versa, e, para isso, o sistema privilegiado, por intranet, é o *software* informático “*News Asset*”, ou “Luna”, como é tratado. Para além deste, era utilizada a via eletrónica (*e-mail*), via telefónica (rede interna e externa), redes sociais e “*Skype*”.

Outra forma de comunicação interna utilizada na Lusa eram as reuniões diárias. Obrigatoriamente, todos os dias, se realizam duas reuniões – a primeira, às 12h, no piso da direção de informação, e a segunda às 18h, na redação principal -, e tinham como objetivo discutirem, cada editor de cada editoria, a agenda do dia e para o dia seguinte, e o que está a ser feito naquele preciso momento. Uma das vezes, pedi ao jornalista José Pedro Fonseca que me acedeu ao pedido e em que pude constatar o que era discutido.

1.6 – Ética e Deontologia

A Agência Lusa, no exercício da sua atividade rege-se, principalmente, por dois códigos: o Código de Ética e o Código Deontológico.

O Código de Ética constitui uma importante base para fortalecer a cultura da empresa e representa uma referência fundamental no âmbito do respetivo desempenho, na prática profissional dos seus colaboradores e no relacionamento com todos os acionistas.

Assim sendo, é fundamental que todos os que integram a Lusa, tenham conhecimento do mesmo e que este esteja disponível no *site* da agência.

Tendo em conta que o Código de Ética é um instrumento fulcral no desenvolvimento da organização e estímulo para a sua melhoria, as colaboradores da Lusa devem sentir-se identificados pelo código e ser responsabilizados pelo seu cumprimento²² (anexo III).

O Código Deontológico jornalístico consiste num conjunto de orientações éticas e morais de forma a orientar a atividade num sentido mais imparcial, verdadeiro e fiável.

O conceito/necessidade do Código Deontológico de jornalismo surge no século XX, durante o processo de profissionalização da atividade jornalística. O primeiro código deontológico escrito aparece em 1900 e era sueco. Em Portugal, a aprovação do primeiro código deontológico para os jornalistas ocorre em 1976 (Traquina, 1997)

Atualmente, a Lusa rege-se pelo Código Deontológico do Jornalista, aprovado a 4 de maio de 1993, em Assembleia-Geral do Sindicato dos Jornalistas (anexo IV).

²² Adaptado da informação disponível no *site* da Lusa <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=codigoetica>

2 – O Estágio

No presente capítulo faço uma descrição de todas as atividades e eventos realizados durante o meu estágio na Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A.

Como aluna do curso de Comunicação e Relações Públicas, a área que mais me interessa é a de Jornalismo, mais especificamente, o tipo de jornalismo mais objetivo, menos sensacionalista e menos ligado a imperativos comerciais.

A ideia de realizar o estágio na agência Lusa surgiu da minha busca, quando pesquisava a que empresas pertenciam os jornalistas constituintes dos “Repórteres Sem Fronteiras”.

Desde logo me interessei pela organização uma vez que correspondia aos meus principais objetivos. Como órgão de comunicação, a Lusa, na minha perspetiva, respeita determinadas regras fundamentais para a realização de um jornalismo objetivo e imparcial, tornando-se o órgão de comunicação mais credível a nível nacional (pelo qual outros órgão se apoiam); citando o que foi dito na agência, “se a Lusa diz, é porque é verdade”.

Comuniquei a minha intenção ao GESP, que iniciou logo contacto com a Lusa. A partir do momento em que ficou confirmada a possibilidade de realizar o estágio na Agência Lusa, todo o contacto seguinte fez-se entre mim e a Lusa, mais concretamente com Sónia Jorge, Secretária da Administração, e Ricardo Jorge Pinto, Diretor-Adjunto de Informação. O contacto efetuou-se por via eletrónica e por telefone, de forma a acertar determinados pormenores.

2.1 – Plano de Estágio

Todas as tarefas que realizei na Agência Lusa guiavam-se através dos objetivos de trabalho descritos no plano de estágio (anexo I), a saber:

- Angariação, tradução, seleção e tratamento de notícias;
- Redação de Notícias e Breves;
- Contacto com as fontes.

2.2 – Semana de Formação

No início do estágio, fui integrada num grupo de estagiários, num total de sete elementos, e, antes da realização do estágio propriamente dito, tivemos uma semana de formação com o objetivo de nos pôr a par do funcionamento básico da agência.

2.2.1 - Dia n.1 – (15 set) (1º dia de formação)

O estágio iniciou-se no dia 15 de setembro de 2014, com hora marcada para as 10h00, na sede da Lusa. Chegada à receção, e quando reunido todo o grupo, fomos recebidos por Fernando Paula Brito, Diretor de Informação e levados para a sala de formação, no piso -1. Na sala, fez-nos uma apresentação geral da Agência Lusa e de seguida fomos conhecer as instalações. Depois da visita voltámos à sala de formação onde fomos recebidos por Sónia Jorge que nos entregou uma carta com a nossa identificação na agência (Iniciais de Assinatura [RZF], e-mail, PIN de acesso à fotocopadora e ao “Luna”).

Na parte da tarde, apresentaram-se-nos os Chefes de Redação, Paulo Nogueira e João Pedro Fonseca, como responsáveis pelo grupo, e que nos seria dada a hipótese de escolher uma editoria, entre as existentes na Agência Lusa, que mais correspondesse aos nossos objetivos profissionais. Para finalizar deram-nos alguns conselhos gerais.

2.2.2 - Dia n.º2 - (16 Set) (2º dia de Formação)

No segundo dia de formação para conhecermos melhor as editorias, cada editor responsável veio, em meia hora, explicar a essência da sua secção.

Manhã:

- Apresentação dos Editores
 - Agenda (António Navarro);
 - Multimédia (Paulo Carriço);
 - País (João Gomes);

- Economia (Mónica Frei. Adj);

Tarde:

- Continuação das Apresentações;
 - Desporto (João Pedro Simões. Adj);
 - Sociedade (Cristina Cardoso);
 - Política;
 - Lusofonia e Mundo (Paulo Agostinho).

2.2.3 - Dia n.º 3 - (17 Set) (3º dia de formação)

Neste dia de formação tivemos um pequeno *workshop* com a jornalista Rita Rocha (editoria de multimédia), de introdução ao *software* de redação e partilha de notícias utilizado na agência - o "Luna". Este *software* permite a redação de textos (de notícias) e funciona como instrumento de partilha de conteúdos entre elementos da redação (jornalista - editor; editor - chefe de redação), entre órgãos de comunicação (agência Lusa – EFE, por exemplo); entre a agência e os seus clientes (agência Lusa – SIC, por exemplo).

Para além deste *software*, aprendemos a utilizar o programa de áudio "Sony Vegas". Este programa serve para tratar de gravações áudios (como entrevistas, conferências, entre outros). A sua aprendizagem era essencial para nos dar autonomia, caso, em alguma das nossas atividades, tivéssemos de incluir determinados excertos de áudio, como complemento ao suporte escrito.

À tarde, reunimo-nos com os chefes de redação, Paulo Nogueira e João Pedro Fonseca, para discutirmos sobre os dias de formação que tínhamos tido, esclarecimento de algumas dúvidas e discussão sobre a editoria que mais correspondia aos nossos objetivos profissionais e na qual queríamos fazer o estágio. Nesta reunião também nos informaram que poderíamos dividir o tempo de estágio e pertencer a mais que uma editoria, (mas no máximo duas, como conselho, devido ao curto tempo de estágio – 3 meses).

Para além disso, deram-nos também a sugestão de realizar uma “investigação”/“notícia”, de autoria nossa, como complemento ao nosso estágio, com a vantagem de poder ser comprada por algum dos clientes da Agência Lusa e a partir dela ser feita uma reportagem (como já aconteceu).

Como tenho mais interesse pelo jornalismo ligado a causas humanitárias e crimes contra a humanidade, a editoria que escolhi para realizar o meu estágio daí em diante foi a de Lusofonia e Mundo, que abordava temas internacionais (vindo de agência noticiosas estrangeiras e correspondentes), e relacionados, e, numa segunda vertente de exploração mais específica, com os países lusófonos (nesta editoria também ficou outro colega de estágio).

2.2.4 - Dia n.4º (18 set) (4º dia de formação)

Neste último dia de formação, a manhã foi dedicada a algumas dicas sobre a língua portuguesa, dadas por José Mário Costa, um dos fundadores do *site* “CiberDúvidas”, que orienta a utilização da língua.

Depois fomos levados pelos chefes de redação para as “nossas” editorias, só para apresentação da mesma, pois só começaríamos, efetivamente na segunda-feira a seguir, dia 22 de setembro. Quando eu e o meu colega chegámos com os chefes de redação, foram-nos apresentados os elementos da editoria, atribuídas secretárias e entregue uma notícia proveniente da agência espanhola, a EFE, para que, em conjunto, a traduzíssemos, como exemplo do que iríamos desempenhar no futuro. Este exercício não foi propriamente intencional; o editor responsável na hora, António Pereira Neves, é que considerou que íamos começar naquele momento. Mesmo sendo um “erro”, para nós foi bastante útil para nos atenuar a ansiedade e expectativa do que seriam as nossas funções realmente.

2.3 – Atividades Desenvolvidas

Nas próximas páginas vou descrever as principais tarefas que desenvolvi ao longo do estágio, para isso vou apresentar as duas editorias em que fui inserida, a saber: Editoria Lusofonia e Mundo, Editoria País e Serviço de Piquete.

2.3.1 Editoria de Lusofonia e Mundo

A editoria de Lusofonia e Mundo é coordenada pelo editor Paulo Agostinho, com a adjutória de Vera Magarreiro, Eduardo Lobão e João Roque, e composta, essencialmente, por 12 jornalistas.

A minha rotina diária era chegar à editoria, ligar o computador e pedir ao editor/editor-adjunto que estivesse presente, se me podia entregar algum trabalho e então era enviado para mim, através do “Luna”, podendo variar entre um relatório de alguma organização internacional (ONU, por exemplo) e, nestes casos, aquando do envio explicavam o que me iam enviar e o foco da notícia, o que era ou não importante incluir, ou então enviam-me uma peça de alguma agência noticiosa, que eu tinha de reestruturar.

2.3.1.1 – Trabalhos Desenvolvidos

A Agência Lusa recebe conteúdos dos correspondentes – e, nesses casos, as notícias já vêm prontas para serem enviadas para a linha -, de agências internacionais – EFE (Espanha), FrancePress (França) -, e diretamente das organizações (relatórios da ONU, por exemplo)²³.

A informação com a qual eu lidava provinha das duas últimas e, como tal, chegavam até mim em inglês, francês ou espanhol.

²³ Segundo o que apurei durante o meu estágio na Lusa

A minha função era traduzir para português, reescrevendo-a consoante os critérios estipulados no Livro de Estilo (anexo V) da Agência Lusa. Os critérios mais básicos e gerais proibiam a utilização de qualquer adjetivação em qualquer assunto, obrigava a um lead de 35 palavras, no máximo, e a um título de, no máximo, 80 caracteres, (com espaços incluídos)²⁴.

Para a tradução, eu utilizava os mesmos materiais que os restantes jornalistas: “Google” tradutor e dicionários. Das três línguas, tinha mais dificuldade na francesa e se me dessem a escolher, antes de me enviarem o texto original, entre inglês e francês, preferia a primeira, mas houve situações em que me enviavam, “sem me perguntar”, na língua francesa. Embora não esteja muito confortável com esta língua, consigo perceber algum conteúdo, se estiver escrito e, como não queria pedir para me trocarem, fazia a notícia na mesma, porém utilizava mais os recursos e podia demorar um pouco mais de tempo, para poder confirmar que enviava uma tradução correta.

Para além de redação de notícias, também estavam incluídas nas nossas atividades a possibilidade de acompanhar os jornalistas nos seus serviços. Como se tratava de uma editoria internacional, obviamente, não haviam muitas oportunidades, salvo em acontecimentos realizados em Lisboa, como, por exemplo, conferências, lançamentos de livros e entrevistas.

No total, nesta editoria redigi 70 notícias (anexo VI) das quais destaco:

- Acompanhamento do serviço da jornalista Ana Cordeiro ao lançamento do livro póstumo de José Saramago “Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas”, no teatro D. Maria Vitória, no dia 03 de outubro de 2014 (anexo VI: 18 – 03.out). A experiência que obtive foi bastante agradável, uma vez que, além de ser o meu primeiro serviço, foi relacionado com algo que eu gosto – literatura portuguesa, mais concretamente o escritor José Saramago. Para além disso, também me foram apresentados alguns jornalistas de temáticas culturais, que me receberam muito bem e até me deram alguns conselhos.

²⁴ Regras mais básicas retiradas do Livro de Estilo da Lusa

- Redação de uma notícia sobre os conflitos em Hong Kong, a partir do que foi dito numa conferência a que eu fui em serviço com o jornalista Pedro Sousa Pereira, sobre a comemoração dos 35 anos de cooperação entre Portugal e a China (anexo VI: 26 – 09.out). Este desafio foi-me dado pelo editor Paulo Agostinho, no dia 09 de outubro, um dia depois da conferência. O material que podia usar eram as citações feitas do embaixador chinês, durante a conferência, retiradas pelo jornalista Pedro Sousa Pereira.
- Exercício de seleção do que poderia ser ou não uma “notícia Lusa” (anexo VI: 32 – 13.out) - devidamente justificado -, a partir de comunicados de empresa. Este exercício foi feito especificamente para mim, no dia 13 de outubro de 2014, que o realizei com sucesso.
- Recolha de *background* sobre a vida do antigo papa Paulo VI (anexo VI: 43 – 17.out.). Entregue pelo o editor Paulo Agostinho, no dia 17 de outubro, a tarefa seria para complementar uma notícia sobre a sua beatificação – realizada por outro jornalista-, e teria de ser entregue no dia seguinte de manhã. Respeitando o que me foi dito, entreguei a notícia nessa noite e quando cheguei à redação o feedback que obtive foi que, e citando o editor Paulo Agostinho, “o que eu te pedi para fazer era de um ou dois parágrafos. Tu deste-me a vida toda do homem!”, ao que eu respondi que como não sabia, decidi fazer um apanhado da sua biografia, de forma a que também houvesse opção de escolha do conteúdo.
- Entrevista a Juan Reinaldo, antigo guarda-costas de Fidel Castro, pelo lançamento do seu livro “A Face Oculta de Fidel” (anexo VI: 54 - 24.out). Em serviço com o jornalista Pedro Sousa Pereira, no dia 24 de outubro de 2014, a entrevista foi feita em espanhol, num espaço exterior de um hotel, em Lisboa. De todos os serviços, este foi para mim o mais emocionante devido à personalidade com que estive.
- Em último, menciono, também, uma situação, um pouco confusa, que me aconteceu durante a redação de uma notícia. Foi-me entregue pelo editor-adjunto António Pereira Neves uma notícia, originalmente em inglês, sobre a tentativa da primeira-ministra austríaca alugar a casa onde Hitler nasceu (anexo VI: 37 – 15.out. Porém, e embora eu,

por acaso, saiba que Hitler tem nacionalidade austríaca, durante a redação da notícia troquei Áustria por Austrália e entreguei dessa forma, sempre convicta que estava bem, e que era Áustria que estava escrito. Pouco tempo depois de a ter enviado, António Pereira Neves, chama por mim dizendo que no geral a notícia estava bem, mas que Hitler tinha nascido na Áustria. Eu, no momento, nem sequer percebi o porquê de me estar a dizer isso e depois de perguntar, o mesmo elucidou-me que tinha então trocado o país em toda a notícia. Embora única e a relatar algo que fiz mal, acho pertinente referir este episódio pois mostra também o “outro lado”, aquele em que eventualmente falhei, nem que seja por uma mera gafe.

2.3.1.2 - Trabalhos Publicados

Os textos originais que me enviavam para “tratar” podem dividir-se em dois graus de importância: notícias atuais e que seriam, depois de corrigidas, enviadas para a linha e “comercializadas” para os outros órgãos de comunicação (/difusão de notícias) e as que serviam apenas para “treino”.

Maior parte das vezes não conseguia nem era fácil procurar, em todos os órgãos de comunicação, as minhas peças, mas quando o tempo me permitia, introduzia os títulos das minhas peças no motor de busca *Google* e podia encontrá-las nos *sites* da “SIC Notícias”; “Notícias ao Minuto”, “Jornal de Notícias”, “Correio da Manhã”, entre outros.

Na atividade normal da Agência Lusa, as iniciais do jornalista de quem é a notícia, nunca aparecem; a assinatura que identifica a peça é “Lusa”.

No total consegui recolher 29 notícias (anexo VII) que foram publicadas, cada uma, na sua maioria, em mais do que um órgão de comunicação.

Exemplos:



Figura 2 - "Ébola: Empresas fabricantes de materiais de proteção contra virus valorizam-se" (Anexo VI: 31 – 13.out)
Fonte - Jornal digital "Notícias ao Minuto" (13 de outubro de 2014) (Anexo VII: 31 – 13.out)



Figura 3 - "Empresa indiana recompensa trabalhadores com carros, casas e joias" (Anexo VI: 45 – 20.out)
Fonte - Jornal "I" página online (20 de outubro de 2014) (Anexo VII: 45 – 20.out)



Figura 4- "Jovem polaco quebra recorde do Guinness de videojogos após cinco dias a jogar" (Anexo VI: 68 – 04.nov)
Fonte - Revista "Visão" Publicação online (04 de novembro de 2014) (Anexo VII: 68 – 04.nov)

De todas as publicações dos meus trabalhos, destaco uma do jornal “Diário de Notícias”, que encontrei por coincidência, a primeira vez que, ao sair da Lusa, pedi para levar um jornal para ler em casa, (algo que Eduardo Lobão já me tinha dito que podia fazer), e então depois, aquando da minha leitura, encontrei, inserido numa notícia, - que fazia um apanhado das vítimas de Ébola -, dois parágrafos que eu tinha escrito.

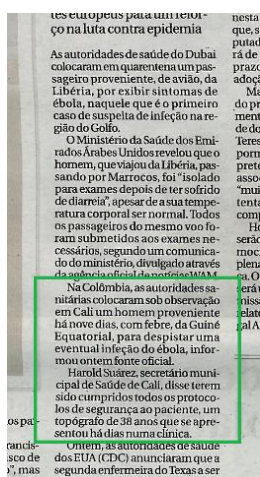


Figura 5 - "Dois Viajantes em quarentena na Colômbia e no Dubai" (Anexo VIII)
Fonte - Digitalização do jornal impresso "Diário de Notícias" (edição n.º 53 144 - 16 de outubro de 2014)

2.3.2 – Editoria País

Embora o meu interesse seja o jornalismo ligado mais às causas humanitárias entendo que, no meu percurso para jornalista, é preciso começar a ganhar experiência através de serviços mais pontuais, contactos com as autoridades, manifestações e eventos locais, por exemplo.

Como na semana de formação foi-nos dada essa possibilidade, decidi aproveitar o facto de estar na Agência Lusa para explorar e tirar o máximo de experiência que conseguisse.

Depois de falar com os chefes de redação, eles trataram da minha transferência com os editores e, no dia cinco de novembro de 2014, comecei na editoria de País.

2.3.2.1 Apresentação

A editoria País tem como editor João Gomes e, editoras-adjuntas, Zélia Costa e Rosa Carreiro. Presentes na editoria contavam-se oito jornalistas.

Nesta editoria as minhas funções, para além de escrita de peças noticiosas e idas a serviços, à semelhança da editoria anterior, também incluía a redação de breves e contactos telefónicos com a PSP, a GNR e os Bombeiros Voluntários de Lisboa, ou “rondas” que eram feitos todos os dias de hora e meia em hora e meia.

“As organizações noticiosas precisam de rotinas para processarem regularmente a sua matéria-prima e corresponderem ao imperativo de produzirem a notícia antes do tempo limite (Traquina, 1997: 136) ”.

2.3.2.2 – Trabalhos Desenvolvidos

Durante a minha presença na editoria País desenvolvi um total de 55 peças noticiosas e quatro exercícios de serviços (anexo IX) que acompanhei.

De todos trabalhos que realizei destaque:

- “AHP discorda com Taxa Municipal Turística que financiaria novo centro de congressos” (Anexo IX: 14 – 11.nov) – Peça realizada no dia 11 de novembro de 2014,

no âmbito de um serviço à Associação da Hotelaria de Portugal, para um comunicado aos jornalistas por parte do presidente, Luís Vieira.

- “COIMBRA: Comemoração do Dia Mundial em Memória das Vítimas da Estrada” (Anexo IX: 18 – 13.nov) – Realizada a dia 13 de novembro de 2014, esta breve foi proposta por mim, quando recebi esta mesma informação no meu *e-mail*. Como me encontrava desocupada naquele momento – porque nem sempre havia trabalho suficiente para todos -, apercebi-me deste *e-mail* e sugeri à editora-adjunta Rosa Carreiro

- “Câmara Municipal de Lisboa apresenta projeto de autonomia para portadores de deficiência” (Anexo IX: exercício – 03.dez) – Serviço a dia 03 de dezembro de 2014, no edifício da Câmara Municipal de Lisboa, onde constava o vereador da cultura, o autor do projeto e cerca de 10 pessoas portadoras de deficiência, para a apresentação de um projeto direcionado para portadores de deficiência. O projeto consistia na possibilidade de ser o próprio portador da deficiência a escolher o modo como quer ser acompanhado. Devido às suas dificuldades em realizar determinadas tarefas é necessário o acompanhamento por parte de um(a) auxiliar, porém a decisão de quais as tarefas a serem acompanhadas nunca era do portador da deficiência, mas alguma organização em que esteja inserido ou familiares. O projeto permite que o portador de deficiência decida quais as tarefas em que tem mais dificuldade e pedir acompanhamento apenas para as mesmas, por exemplo.

Para que os presentes compreendessem melhor, foi-nos distribuído, pelo Relações Públicas da Câmara Municipal de Lisboa, documentos com uma apresentação mais pormenorizada do projeto (anexo X).

2.3.2.2 – Trabalhos Publicados

À semelhança da editoria anterior, era um pouco difícil de controlar se e em que locais eram publicadas as notícias que tinha escrito, com a agravante de serem na sua maioria breves, (pela sua menor relevância).

Em todo o caso apresento alguns exemplos de breves (anexo XI) que consegui encontrar.

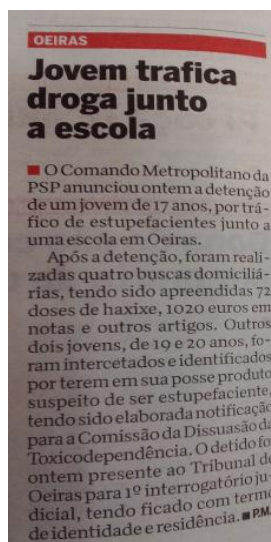


Figura 6 - "Jovem trafica droga junto a escola" (Anexo IX:37- 26.nov)
Fonte - Jornal "Correio da Manhã" (26 de novembro de 2014) (Anexo X: 37 – 26.nov)

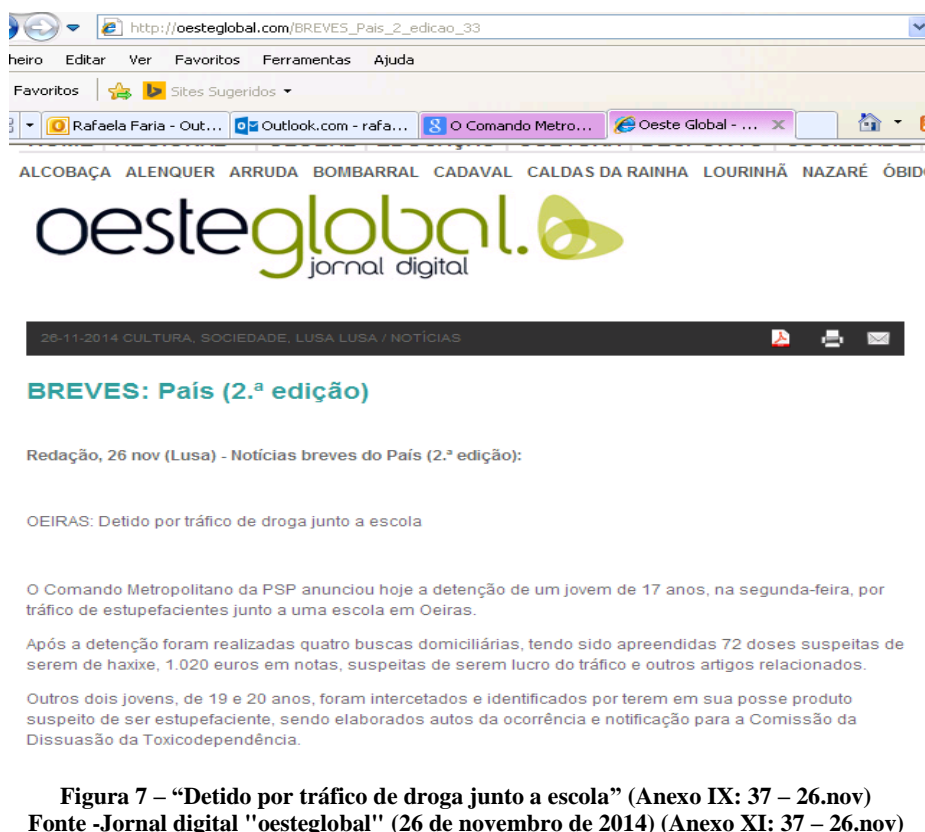




Figura 8 - "ASAE faz rusgas em feiras e mercados" (Anexo IX: 54- 10.dez)
Fonte - Jornal "I" (10 de dezembro de 2014) (Anexo XI: 54 – 10.dez)

2.3.3 – Piquete

O piquete resume-se a uma equipa pequena de jornalistas que garante o funcionamento mínimo, da redação e resume-se em três turnos: o primeiro das 7h da manhã às 14h, o segundo das 13h às 20h e o último das 19h às 2h.

Nesta situação já não há separação física das editorias; como a equipa é pequena, concentra-se toda na redação principal e é orientada por um editor (com a exceção dos jornalistas de multimédia que permanecem na sua editoria, devido ao material informático que utilizam)²⁵.

De todo o grupo de estagiários, eu fui a única a “participar” na equipa de piquete. Desde a semana de formação, aquando da apresentação do funcionamento da Agência Lusa, mais especificamente, o piquete, que fiquei com curiosidade de perceber/conhecer como seria o funcionamento de toda a agência resumido numa pequena equipa.

A oportunidade surgiu aquando de uma conversa com o chefe de redação em que ele mencionou o piquete, eu perguntei se era possível, naquele ponto do estágio em que me encontrava, poder pertencer à equipa.

Depois de conhecidos os três editores responsáveis no fim-de-semana, escolhi a editora Vera Magarreiro, editora adjunta da minha primeira editoria de Lusofonia e Mundo, por me sentir mais à vontade com ela.

²⁵ Informação recolhida ao longo do estágio na Lusa

No horário que me foi atribuído, das 11h às 18, de 15 de dezembro de 2015, escrevi duas peças.

A primeira abordava o facto do robô espacial “*Philae*” – enviado pela sonda “*Rosetta*” para o cometa 67P/Churyumov-Gerasimenko (67p) – ter conseguido realizar a missão, de transmitir toda a informação recolhida, com sucesso, antes de ficar sem bateria (anexo XII: 1 – 15.dez). A sua versão original provinha da agência noticiosa francesa AFP, em francês.

A segunda peça que escrevi foi sobre uma bomba da Primeira Guerra Mundial, desativada pelos militares da Bélgica, (anexo XII: 2 – 15.dez). O texto original vinha em espanhol, pelo que tive de traduzir para português e adaptar o texto conforme o livro de estilo da Agência Lusa.

Por fim, fui em serviço, com uma jornalista, um repórter de imagem e um fotógrafo, para o cordão humano contra o encerramento do Instituto de Odivelas, mais conhecido por “Colégio de Meninas”.

Chegada à redação fui com a jornalista selecionar os áudios com o repórter de imagem, e o processo resume-se a nós irmos ao encontro do jornalista, na sua editoria, e a jornalista diz-lhe o que quer que ele corte, as partes que quer que mantenha e depois grava os áudios para anexar a peça e o repórter de imagem prepara a peça de vídeo.

Em seguida fui para o meu lugar escrever a minha versão, (anexo XII: 3 – 15.dez), que entreguei à jornalista com quem fui e a qual não me devolveu nenhuma correção.

2.4 - Peça de Investigação “Turismo de Cemitério”

Ainda na semana de formação, os chefes de redação, Paulo Nogueira e José Pedro Fonseca, nos deram exemplos de antigos estagiários que para além das funções que lhes foram atribuídas no âmbito do estágio, também realizaram uma reportagem de um tema à escolha dos mesmos, cujos, inclusive, foram mote para que se realizassem reportagens e trabalhos acerca do tema por parte órgãos de comunicação.

Durante a fase final do meu estágio, o chefe de redação, José Pedro Fonseca, mencionou-me várias vezes que o que seria bom era fazer um desses trabalhos. Para tal, aconselhou-me a pesquisar um tema que não fosse muito comum e que o aprofundasse.

Nesse sentido, tomei conhecimento de turistas que iam visitar cemitérios, motivados pela arquitetura e a arte, desenvolvendo um diferente tipo de turismo.

A informação interessou-me o que me levou a pesquisar sobre o chamado “Turismo de Cemitério” ou “Turismo Cemiterial”.

2. 4.1 – Recolha de Informações

Para compreender melhor o tema, realizei alguma pesquisa sobre a definição de Turismo de Cemitério e a forma como este tipo de turismo era reconhecido.

2.4.1.1. – “Turismo de Cemitério”

Turismo de Cemitério consiste na “deslocação de pessoas para fora da sua área de residência habitual, por um período superior a 24 horas, para visita a cemitérios que exibam um acervo de estatuário e ornamentos fúnebres, que pode ser visto em túmulos de personagens notáveis da região e outros anónimos (Abranja, *apud* Pegas, 2013:39) ”.

Neste sentido várias iniciativas, por todo o mundo têm vindo sido criadas de forma a preservar o património funerário. As principais são:

- Carta Internacional de Morelia (2005) – destina-se à “preservação dos cemitérios e da arte funerária e propõe o conhecimento, a difusão e a apropriação social dos sítios funerários e de seus ritos (Castro *apud* Pegas, 2013:40)”.
- Ata de Compromisso e Anteprojeto de Lei para a Valorização, Proteção e a Difusão do Património Funerário da Cidade de Buenos Aires (2006) (Castro *apud* Pegas 2013:40).
- *Guidelines for cemetery conservation* (Linhas guia para a conservação cemiterial), (2009) - pelo *National Trust of Austrália* (NSW), intende fornecer assistência técnica especializada segundo as políticas de conservação e gestão dos cemitérios (Castro *apud* Pegas 2013: 40).
- Formação do Órgão Oficial da Rede Argentina de Valorização e Gestão Patrimonial dos Cemitérios – Presta consultadoria relativa à gestão dos cemitérios (Castro *apud* Pegas 2013:40).

- Associações /organizações de amigos que querem promover e conservar os cemitérios. Por exemplo: *Kensal Green* (Londres) e Associação do Cemitério Acatólico de Roma (Castro *apud* Pegas, 2013:41).

No âmbito destas iniciativas, foi fundada em 2011, em Bolonha (Itália), a Associação de Cemitérios Significativos da Europa (ASCE, sigla em inglês), sem fins lucrativos, que representa 22 países, num total de 179 cemitérios.

Os principais objetivos da ASCE são:

- Promoção dos cemitérios europeus como património cultural muito importante;
- Cooperação para proteger, restaurar e garantir o atendimento contínuo e manutenção de cemitério, sensibilizando os cidadãos europeus para a importância dos cemitérios significativos;
- Compartilha de experiências e melhores práticas;
- Trabalho conjunto em projetos comuns;
- Aumentar a consciencialização acerca da importância dos cemitérios significativos entre as instituições nacionais e europeias;
- Fomentar e chamar a atenção das universidades;
- Promoção do necessário quadro legal para a melhor gestão dos cemitérios;
- Chamada de atenção dos media e publicações de turismo e literatura;
- Promoção da adoção de inovações tecnológicas.

A ASCE foi distinguida, em 2006, com uma medalha pelo *European Union Prize for Cultural Heritage/Europe Nostra*, para celebrar a excelência cultural e conservação do património (ASCE *apud* Pegas 2013:42).

Em 2009, é fundada pela ASCE, a Rota dos Cemitérios Europeus, constituída por uma equipa de especialistas na área do turismo em parceria com um comité científico.

Esta rota agrega 59 cemitérios localizados em 45 países de 18 países europeus, que recebem cerca de cinco milhões de visitantes por ano (ASCE *apud* Pegas 2013:42).

A rota dos Cemitérios Europeus pretende contribuir para a proteção e preservação dos cemitérios, oferta única do turismo cultural, criação de emprego, troca de formação, culturais e educacionais, de investigação e desenvolvimento, inovação, a utilização e a aplicação de novas tecnologias (ASCE *apud* Pegas 2013:43)

Perante esta informação recolhida²⁶, decidi investigar a adesão dos cemitérios portugueses. Em 2005, o município do Porto aderiu à Associação, por iniciativa do Pelouro do Ambiente, e é representado pelos cemitérios do Prado do Repouso e Agramonte. No entanto, o cemitério mais importante de Portugal, o Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, não pertence à rota.

Tendo em conta estas informações e como me encontrava em Lisboa, para a realização do estágio, decidi fazer um trabalho sobre o Turismo de Cemitério no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa.

2.4.1.2 – O Cemitério dos Prazeres

Construído em 1833 o Cemitério dos Prazeres tem 12,6 hectares e a sua disposição é semelhante a uma “cidade”, constituída por 54 ruas, zonas centrais e periferias, pequenos bairros ao estilo de urbanização e jazigos que se assemelham a capelas e até a casas, um castelo (“homenagem a Pedro Folque, o homem da cartografia de Lisboa”) e outros que evocam profissões.

Situado na parte ocidental da cidade de Lisboa, onde outrora moraram algumas das pessoas mais ilustres da sociedade, o Cemitério dos Prazeres tem sepultadas várias pessoas de grande importância histórica.

No talhão dos artistas estão, entre outros: Cândida Branca Flor (cantora), Carlos Paredes (guitarrista), Cesário Verde (poeta), Henrique Mendes (apresentador e ator), Mario Cesariny (pintor e poeta) e Zita Duarte (atriz).

Para além de artistas, também pertence ao cemitério o Mausoléu de D. Pedro de Sousa Holstein, Duque de Palmela, onde se encontram inumados cerca de 200 corpos e restos mortais pertencentes à família e aos criados, sendo considerado como o maior mausoléu particular da Europa. O interior representa um templo maçom e é composto por várias estátuas de escultores importantes como Canova, Teixeira Lopes e Calmels.

Por ser considerado o mais monumental cemitério da cidade e o seu espólio proveniente da recolha de capelas e jazigos abandonados, encontra-se no cemitério, na

²⁶ Informação adaptada de Pegas, (2013) *O visível que não se vê e o Património Cemiterial: proposta de criação de uma Rota Turística dos Cemitérios do Porto* (Acedido a 31/out, 2014, em http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:oqYRglJMBr0J:sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.show_publ_file%3Fpct_gdoc_id%3D81032+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt)

capela, o Centro de Interpretação dos Cemitérios Municipais de Lisboa, desde novembro de 2001.

Como espaços para visita, o Cemitério possui uma antiga sala de autópsias, encerrada desde 1889, e cinco salas temáticas – “A Fé”, com objetos de culto e brinquedos; “A Luz”, onde se encontram objetos para iluminarmos ente-queridos na vida eterna; “As Flores”, que contém jarros ornamentais para as flores perfumarem o jazigo e “Reflexão”, com informação sobre a evolução do sentido da morte na sociedade.

Os cerca de 71000 jazigos que compõem o Cemitério dos Prazeres, estão identificados por letras e categorias, consoante a sua situação; “A” para jazigos abandonados, “P” para prescritos. Os mais interessantes estão identificados com uma placa e destacados em folhetos, divididos pelas categorias Arquitetura funerária; Estatuária, Grandes Homens; Heráldica; Morte e Imortalidade e Símbolos Profissionais (anexo XIII).

Atualmente o Cemitério não admite mais nenhuma sepultura. Os talhões dedicados aos escritores, artistas, bombeiros e polícias são os únicos onde são permitidos enterros temporários. Fora essas situações, é necessário esperar que algum esteja abandonado, prescreva e seja vendido em hasta pública.

Devido à sua localização – junto à paragem do elétrico 28 – são regulares as visitas, maioritariamente, por parte de turistas estrangeiros²⁷.

2.4.2 – A Entrevista

Com base no tema “Turismo de Cemitério” e relacionando-o com a importância do Cemitério dos Prazeres, que o torna um ponto turístico de interesse, decidi direcionar o meu trabalho para o estudo da afluência de turistas a este cemitério.

Para além da informação que pesquisei, era importante que realizasse uma visita ao cemitério e falasse com alguém responsável.

Nesse sentido contactei o Cemitério dos Prazeres que me recomendou Luís Fidalgo, coordenador da área técnica administrativa operacional do cemitério, para

²⁷ Informação adaptada de uma publicação do jornal *online* “Público” “As cidades dos mortos são lugares vivos de cultura” (acedido a 31 de outubro de 2014) em http://fugas.publico.pt/Viagens/340960_as-cidades-dos-mortos-sao-lugares-vivos-de-cultura

abordar essa temática. Realizado contacto com o mesmo ficou acordada uma visita guiada no dia 12 de dezembro.

Tendo em conta o tema do meu trabalho, para a entrevistas preparei o seguinte leque de principais perguntas:

- Qual a estimativa de visitas (mensais, anuais)?
- Houve alguma evolução no número de visitas ao cemitério?
- Quais as faixas etárias predominantes entre os turistas?
- Quais as figuras mais vistas?
- Quais os principais interesses dos visitantes?
- Para além da visita-guiada propriamente dita, é desenvolvida mais alguma atividade como os turistas?
- Há algum custo pelas visitas/atividades?
- Como é conjugada a atividade normal do cemitério com a turística?
- Existem alguns projetos para melhoria/desenvolvimento/promoção do cemitério?
- Como é que as famílias, cujos entes estão aqui sepultados, lidam com a atividade turística?
- Se é conhecido como o mais importante cemitério do país e se a intenção da administração é promover o turismo de cemitério, porque é que o Cemitério dos Prazeres ainda não pertence à Rota dos Cemitérios da ASCE?

A entrevista com Luís Fidalgo foi gravada (anexo) e tem a duração aproximada de duas horas.

Como a informação dada por Luís Fidalgo foi bastante vaga acerca do que eu queria que fosse o tema principal – Turismo de Cemitério -, o sentido da minha peça foi então alterado, dando principal destaque ao facto de estarem a preparar uma rota sobre a vida de Fernando Pessoa, visto que para além da proximidade com a casa do escritor, têm também os familiares, do mesmo, lá sepultados (mãe, padrasto, namorada, entre outros).

Como este trabalho (anexo XIV)) foi realizado no último dia do estágio, não foi possível entregá-lo presencialmente pelo que o enviei por *e-mail* a José Pedro Fonseca.

Reflexão Final

O estágio que realizei na Agência Lusa - para além das atividades em que fiz parte, no âmbito escolar -, foi a experiência que mais me pôs em contacto com o verdadeiro mundo do jornalismo. Para além de conseguir aplicar os conhecimentos que apreendi durante a minha formação em Comunicação e Relações Públicas, ainda adquiri muitos mais, enquanto estagiava na Lusa.

No início sempre me assustou a ideia de estar presente de tantos jornalistas, com tantos anos de experiência. Tinha receio de demonstrar que não sabia fazer algo ou fazer de forma errada. Como tal, tentava, sempre, absorver o máximo do que me diziam e do que acontecia e demonstrar o máximo respeito por todos os colaboradores da Lusa. Sempre que perguntei alguma coisa, ou pedia para participar em alguma atividade, me responderam e deram oportunidade, como por exemplo o serviço de piquete e a assistência a uma das reuniões diárias.

Sempre fui muito bem recebida por todos, trazendo comigo muitos amigos e memórias (como, por exemplo os petiscos das editorias: raramente não havia alguém que não trouxesse alguma coisa para pôr na editoria para todos irem “petiscando” - tanto na de Lusofonia e Mundo como na de País -, aliás foi através de uma dessas situações que provei alguns doces vindos de Angola).

Percebi como funcionava a Lusa, as rotinas de um jornalista e, acima de tudo, percebi, que afinal conseguia desempenhar bem as minhas funções. Orgulho-me de todo o trabalho que fiz e de como o fiz. Sempre que me foi dada uma notícia para escrever, não saía defronte do computador, nem me distraía, enquanto não a fizesse - e da melhor maneira -, em menos tempo possível. Sempre que necessitava perguntava ou partilhava alguma ideia. Todas as atividades que me eram permitidas realizar, enquanto estagiária, eu realizei.

Tive alguns obstáculos, como quando, na Editoria de País, estive ao telefone perto de meia hora a tentar falar com alguém responsável dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, para saber informações sobre uma inundação que estava a acontecer naquele momento. Nenhuma das pessoas que falaram comigo me disse uma única informação, respondendo que ainda não tinham nenhuns dados dos superiores. Após ter desligado o meu telefone, uma jornalista liga para o mesmo local e passada, três vezes, a chamada,

conseguiu obter toda a informação necessária. É claro que teve a ver com o sentido de oportunidade e com a experiência de quem liga, mas naquele momento pareceu que tinha falhado em algo.

Mas, em resumo, posso dizer que adorei esta experiência. Tive oportunidade de ir a vários tipos de serviços, tratar de assuntos diversificados, participar no funcionamento da Lusa, conhecer bastantes pessoas que, sem esta oportunidade, não iria conseguir.

Este resultado só foi possível com a formação que o Instituto Politécnico da Guarda me deu no curso de Comunicação e Relações Públicas e com a oportunidade e aceitação por parte da Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A.

Porém, e como em tudo, não foi perfeito. Na minha opinião, enquanto aluna e estagiária, penso que existem determinados aspetos que poderiam ser revistos, de forma a melhorar os resultados, pelo que termino esta reflexão final, enumerando as minhas induções.

Em relação ao Instituto Politécnico da Guarda, destaco a qualidade de conteúdos que são ensinados, porém menciono algumas sugestões:

- Estimular atividades práticas: Relativamente ao Curso de Comunicação e Relações Públicas, penso que seria uma mais-valia que fosse integrada, juntamente com as cadeiras sobre jornalismo, uma que desenvolvesse algum tipo de comunicação para o IPG. Como integrado por um curso de comunicação, seria uma vantagem, o IPG, para promover todos os eventos (oficiais e informais), abrir uma cadeira que fosse inteiramente prática, simulando o funcionamento de, por exemplo, uma redação – criando um jornal para o IPG -, ou então aproveitar a estrutura que existe na ESECD, para difusão radiofónica, nem que fosse meia hora por dia, em que fossem anunciados eventos (jantares de cursos, atividades promovidas pelos cursos), recados (avisos de prazos de inscrições e pagamentos) e curiosidades. Seria uma forma de estimular os estudantes que se interessam por jornalismo e dar uma pequena noção e à vontade, necessários para o sucesso no mundo de trabalho.

Em relação à Agência Lusa deixo como sugestão:

- Melhor acompanhamento e interesse: Na segunda parte do meu estágio senti, por parte de alguns elementos, que não fui acompanhada como deveria, muitos dos meus trabalhos não me foram entregues corrigidos e, por vezes, persentia um certo

aborrecimento em ter que nos delegar tarefas. Este facto pode desmotivar futuros estagiários mas não altera de todo a opinião francamente favorável que tenho do meu estágio e da excelente organização que me acolheu.

Bibliografia

Bravo, S. (2013). *Desafios dos media de serviço público – II Congresso Internacional de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público, Coimbra 2013* Consultado em 27/Mai, 2014, em <https://prezi.com/usbaor0ntr1q/sobre-o-conceito-de-servico-publico/>

Correia, F. (1997). *Os jornalistas e as Notícias*. Lisboa: Editorial Caminho, S.A.

Daychoum, M. (2007). *40 Ferramentas e Técnicas de Gerenciamento*. Rio de Janeiro: Brasport.

Gagliardi, P. (1986). *The Creation and change of organizational cultures: a conceptual framework*. *Organization studies*, vol. 7, n. 2, 117-134.

Pegas, A. (2013) *O visível que não se vê e o Património Cemiterial: proposta de criação de uma Rota Turística dos cemitérios do Porto* Consultado em 31/Out, 2014, em

http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:oqYRglJMBr0J:sigarra.up.pt/flup/pt/pubs_pesquisa.show_publ_file%3Fpct_gdoc_id%3D81032+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt

Público, jornal online *As cidades dos mortos são lugares vivos de cultura* Consultado em 31/out, 2014, em http://fugas.publico.pt/Viagens/340960_as-cidades-dos-mortos-sao-lugares-vivos-de-cultura

Traquina, N. (1997) *A tribo jornalística, uma comunidade transnacional*. Lisboa: Editorial Notícias

Vicente, R. B., Zanotti, C. A. (2013) *Dominic Wolton e o Exercício do Jornalismo Contemporâneo* Consultado em 26/Mai, 2015, em <https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CBwQFjAAahUKEwiuy8z15vHGAhVBqSwKHZRJBfc&url=http%3A%2F%2Fwww.significados.com.br%2Fjornalismo%2F&ei=4CexVa7bBcHSsgGUk5G4BQ&usg=AFQjCNFUWJ3SLWVfgNaKFhp8pUWq7-HzAA&bvm=bv.98476267,d.ZGU>

ANEXOS

Lista de Anexos

Anexo I - Plano de Estágio

Anexo II – Estatutos da Lusa (Em CD)

Anexo III – Código de Ética (Em CD)

Anexo IV – Código Deontológico

Anexo V – Livro de Estilo (Em CD)

Anexo VI – Trabalhos Desenvolvidos - Editoria Lusofonia e Mundo (Em CD)

Anexo VII – Trabalhos Publicados - Editoria Lusofonia e Mundo (Em CD)

Anexo VIII- Trabalho Publicado no Diário de Notícias

Anexo IX - Trabalhos Desenvolvidos - Editoria País (Em CD)

Anexo X – Apresentação Projeto (Em CD)


Anexo XI – Publicações Editoria País (Em CD)

Anexo XII – Piquete (Em CD)

Anexo XIII – Folhetos Alas do Cemitério dos Prazeres (Em CD)

Anexo XIV – Peça de Investigação “Turismo de Cemitério”

Anexos I – Plano de Estágio

 <p>IPG Politécnico da Guarda Polytechnic of Guarda</p>	<p>PLANO DE ESTÁGIO</p> <p>Cursos de Especialização Tecnológica (CET) Licenciaturas Mestrados</p>	<p>MODELO GESP.004.02</p>
<p>Este documento é um complemento do formulário GESP.003 - Convenção de Estágio.</p>		
<p>Escola: <input checked="" type="checkbox"/> ESECD <input type="checkbox"/> ESS <input type="checkbox"/> ESTG <input type="checkbox"/> ESTH</p> <p>Tipologia do Estágio: <input checked="" type="checkbox"/> Curricular <input type="checkbox"/> Extracurricular <input type="checkbox"/> Outro: _____</p> <p>Ao abrigo de protocolo ou especificidade formativa? <input type="checkbox"/> Sim. Qual? _____</p>		
<p>1. DADOS RELATIVOS AOS INTERVENIENTES NO ESTÁGIO</p>		
<p>Estudante: <u>RAFAELA CRISTINA FERROS FORIA</u> N.º <u>150070238</u></p> <p>Docente orientador: <u>HANDESON AQUAR EUGRACIO</u></p> <p>Supervisor: <u>RICARDO JORGE PINTO</u></p>		
<p>2. PLANO DE ESTÁGIO</p>		
<p><u>- Angariação, tradução, seleção e tratamento de notícias</u> <u>- Redação de notícias e blogs</u> <u>- Contacto com as fontes</u></p>		
<p>3. ASSINATURAS</p>		
<p>O Estudante</p> <p><u>11/12/11 11/2011</u> Data</p> <p><u>Rafaela Cristina Ferros Foria</u> (assinatura)</p>	<p>O Docente Orientador</p> <p><u>11/2011 21/01/15</u> Data</p> <p><u>[Assinatura]</u> (assinatura)</p>	<p>O Supervisor</p> <p><u>11/2011 20/11/14</u> Data</p> <p>LUSA - Agência de Notícias de Portugal, S. A. <u>[Assinatura]</u> (assinatura e carimbo da Entidade)</p>

Anexo IV – Código Deontológico

Código Deontológico do Jornalista

“Aprovado em 4 de maio de 1993, em assembleia-geral do Sindicato dos Jornalistas

1. O jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade. Os factos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso. A distinção entre notícia e opinião deve ficar bem clara aos olhos do público.

2. O jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como graves faltas profissionais.

3. O jornalista deve lutar contra as restrições no acesso às fontes de informação e as tentativas de limitar a liberdade de expressão e o direito de informar. É obrigação do jornalista divulgar as ofensas a estes direitos.

4. O jornalista deve utilizar meios leais para obter informações, imagens ou documentos e proibir-se de abusar da boa-fé de quem quer que seja. A identificação como jornalista é a regra e outros processos só podem justificar-se por razões de incontestável interesse público.

5. O jornalista deve assumir a responsabilidade por todos os seus trabalhos e atos profissionais, assim como promover a pronta retificação das informações que se revelem inexatas ou falsas. O jornalista deve também recusar atos que violentem a sua consciência.

6. O jornalista deve usar como critério fundamental a identificação das fontes. O jornalista não deve revelar, mesmo em juízo, as suas fontes confidenciais de informação, nem desrespeitar os compromissos assumidos, exceto se o tentarem usar para canalizar informações falsas. As opiniões devem ser sempre atribuídas.

7. O jornalista deve salvaguardar a presunção de inocência dos arguidos até a sentença transitar em julgado. O jornalista não deve identificar, direta ou indiretamente, as vítimas de crimes sexuais e os delinquentes menores de idade, assim como deve proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor.

8. O jornalista deve rejeitar o tratamento discriminatório das pessoas em função da cor, raça, credos, nacionalidade ou sexo.

9. O jornalista deve respeitar a privacidade dos cidadãos exceto quando estiver em causa o interesse público ou a conduta do indivíduo contradiga, manifestamente, valores e princípios que publicamente defende. O jornalista obriga-se, antes de recolher declarações e imagens, a atender às condições de serenidade, liberdade e responsabilidade das pessoas envolvidas.

10. O jornalista deve recusar funções, tarefas e benefícios suscetíveis de comprometer o seu estatuto de independência e a sua integridade profissional. O jornalista não deve valer-se da sua condição profissional para noticiar assuntos em que tenha interesse.”

Anexo VIII – Trabalho Publicado no Diário de Notícias



Dois viajantes em quarentena na Colômbia e no Dubai

VÍRUS Zona do Golfo regista o seu primeiro caso suspeito. Obama apelou aos dirigentes europeus para um reforço na luta contra epidemia

As autoridades de saúde do Dubai colocaram em quarentena um passageiro proveniente, de avião, da Libéria, por exibir sintomas de ébola, naquele que é o primeiro caso de suspeita de infeção na região do Golfo.

O Ministério da Saúde dos Emirados Árabes Unidos revelou que o homem, que viajou da Libéria, passando por Marrocos, foi “isolado para exames depois de ter sofrido de diarreia”, apesar de a sua temperatura corporal ser normal. Todos os passageiros do mesmo voo foram submetidos aos exames necessários, segundo um comunicado do ministério, divulgado através do jornal *Al-Bayan*.

Na Colômbia, as autoridades sanitárias colocaram sob observação em Cali um homem proveniente há nove dias, com febre, da Guiné Equatorial, para despistar uma eventual infeção do ébola, informou ontem fonte oficial.

Harold Suárez, secretário municipal de Saúde de Cali, disse terem sido cumpridos todos os protocolos de segurança ao paciente, um topógrafo de 38 anos que se apresentou há dias numa clínica.

Ontem, as autoridades de saúde dos EUA (CDC) anunciaram que a segunda enfermeira do Texas a ser infetada viajou num voo comercial com alguma febre um dia antes de lhe ser diagnosticado ébola. O CDC referiu que o risco de contágio durante o voo é muito baixo, mas ane-

PSD quer adoção de

PARLAMENTO Relatório produzido hoje no plenário. Sociais-de-

O PSD tenciona apresentar ainda nesta legislatura um projeto de lei que, segundo garantiu ao DN a deputada Teresa Leal Coelho, reduzirá de quatro anos para um ano o prazo médio de um processo de adoção.

Mantendo o lado “garantístico” do processo – ou seja, os procedimentos que garantirão a idoneidade dos candidatos a pais adotivos – Teresa Leal Coelho, sem entrar em pormenores, diz que o seu partido pretende acabar com o “estigma” associado a um processo em que “muitos acham que não vale a pena tentar porque tudo é demasiado complexo”.

Hoje as questões da natalidade serão, por iniciativa dos sociais-democratas, tema de um debate no plenário da Assembleia da República. O documento de base do debate será um relatório feito por uma comissão de especialistas para o PSD, intitulado “Por Um Portugal Amigo das Crianças, das Famílias”.

Anexo XIV – Peça de Investigação “Turismo de Cemitério”

Cemitério dos Prazeres prepara rota sobre Fernando Pessoa para atrair mais turistas

A administração do cemitério dos Prazeres, em Lisboa, está a preparar rota sobre Fernando Pessoa, em que junta os familiares do poeta, de forma a atrair mais turistas e desenvolver o Turismo de Cemitério.

Através de investigações, a administração do Cemitério dos Prazeres conseguiu localizar os familiares de Fernando Pessoa – meios-irmãos, padrasto, avô, mãe, padrinho de batismo, um primo emigrado em França e, o amor da vida do poeta, Ofélia Queirós -, e pretende juntar os seus corpos e restos mortais de forma a criar uma rota sobre o poeta.

No projeto também é tida em conta a proximidade com a residência de Fernando Pessoa, podendo, segundo a administração, potenciar mais interesse e intercâmbio de turistas.

Outro dos projetos que a administração está a considerar para atração de mais turistas é a junção dos vários artistas que o cemitério tem para a criação de um memorial.

O objetivo deste e de outros projetos é a promoção do cemitério de forma a desenvolver o, que se denomina por, Turismo de Cemitério.

O Turismo de Cemitério, ainda pouco conhecido em Portugal, consiste em explorar e conhecer o valor arquitetónico e cultural dos túmulos e/ou visitar grandes personalidades.

Nesse sentido o Cemitério dos Prazeres, considerado como o mais importante cemitério do país pelas grandes personalidades da história de Portugal, e com o maior jazigo coletivo da Europa, o do Duque de Palmela, conta com 10 temáticas fixas – Grandes Nomes, Símbolos Religiosos, Morte e Mortalidade, Simbologia Maçónica e Fúnebre – explicadas em desdobráveis e disponíveis para que os visitantes do cemitério explorem por si.

A estas temáticas foram juntados 11 percursos sobre a arquitetura cemiterial que mostra o acompanhamento entre o desenvolvimento da arquitetura fúnebre e civil.

“Queremos que as pessoas entrem e sintam como se fosse um museu e tenham à sua disposição informação correta, desdobráveis, temáticas, percursos e otimizar de forma a que os portugueses e estrangeiros sintam que há um serviço, que há uma coisa que vale a pena”, afirmou, em entrevista à Agência Lusa, Licínio Fidalgo, técnico superior da Câmara Municipal de Lisboa, coordenador da área técnica administrativa operacional do cemitério, licenciado em história.

Embora, segundo Licínio Fidalgo, seja muito difícil contabilizar o número de visitantes, dada a livre entrada no cemitério, no final de 2012, foram contabilizados mais de 14.000 visitantes, maioritariamente alemães, tendo visitado até 2000 cerca de 80.000 pessoas.

O número de visitantes tem aumentado desde então - cerca de 5% a 8% em 2014 – notando-se maior afluência de portugueses.

“Embora [o crescimento] pareça pequeno, é excepcional neste tipo de turismo, que é pequeno”, acrescenta o coordenador.

Categorizando os visitantes mais regulares, Licínio Fidalgo afirma que a faixa etária predominante varia entre os 20 e os 30 anos, (universitários de turismo e história das artes), até à terceira idade.

A afluência dos jovens até aos 18 anos é pouca, destacando, no entanto, os maristas - que segundo Licínio, devido à proximidade “veem o cemitério de forma diferente, até para namorar” -, e uma associação de apoio a jovens em risco para os sensibilizar para o trabalho em ferro, mármore, vitrais e desenho.

Na maioria dos casos os turistas estrangeiros vêm ao cemitério por influência do elétrico 28.

“Os poucos turistas portugueses que cá vêm sabem ao que vêm e andam à procura dos desdobráveis, solicitam ajuda, visitas e ajuda nos trabalhos. Os turistas estrangeiros vêm no elétrico 28, o “mítico” elétrico turístico e como [o cemitério] está no roteiro, andam por aqui, indo, por vezes, à secretaria fazer perguntas”, afirma o coordenador.

Para além dos desdobráveis, que orientam os turistas, o Cemitério dos Prazeres implementou cerca de 17 códigos QR – sigla em inglês para “Quick Response” -, que consistem em códigos de barras bidimensionais decifrados pelas câmaras fotográficas

de dispositivos móveis, que os convertem para texto interativos, endereço do ‘site’ na internet, número de telefone, localização georreferenciada e contactos.

Inaugurados no Dia Internacional dos Museus, a 18 de Maio, os Códigos QR do Cemitério dos Prazeres são um projeto ainda em fase de teste, pelo que ainda só estão em português, muitos dos quais com erros de codificação propositados para que recebam feedback dos utilizadores, de forma a perceber se estes são realmente utilizados ou não.

Para além destes suportes de informação, o Cemitério dos Prazeres disponibiliza as visitas guiadas, orientadas por Licínio Fidalgo e mais dois colaboradores do cemitério, que são gratuitas e não precisam de marcação prévia, dependendo apenas da disponibilidade dos guias.

No final das visitas guiadas é pedido aos turistas que preencham um pequeno questionário para que a administração possa conhecer as suas opiniões.

Sobre o facto das visitas guiadas não gerarem receitas diretas para o cemitério – uma vez que o coordenador acredita que com a utilização do elétrico 28 e na restauração local haja lucro indireto para a Câmara Municipal de Lisboa -, Licínio Fidalgo afirma que ainda é um projeto em “dinamização” em que a prioridade é fazer com que as pessoas gostem deste tipo de turismo.

“É uma parte que temos de pensar muito bem e, embora o não pagamento nos preocupe, temos de ter cuidado uma vez que os portugueses já não vêm visitar, se for pago ainda é pior. Pagar para entrar, talvez no jazigo do Duque de Palmela e mesmo assim são precisas condições – luz, restauração e informação”, acrescentou o coordenador.

Para que consigam oferecer um produto que mereça ser pago, Licínio Fidalgo, afirma que é preciso fazerem distinção do público-alvo, trabalhar para que as pessoas possam tirar fotos sem terem portas estragadas, por exemplo, e definir muito bem uma estratégia do que realmente podem fazer do cemitério.

“Quando tivermos condições, podemos exigir o pagamento”, afirma o coordenador do cemitério.

Para a realização de projetos futuros Licínio Fidalgo afirma que “é preciso definir o que é prioritário, o que traz ou não pessoas ao cemitério” e que estão preparar num percurso para crianças do ensino preparatório, com jogos de “caça ao tesouro”,

para desmistificar o que é o cemitério e aproveitar o veículo de divulgação que as crianças são como meio de promoção do cemitério em si, e aproveitando os vários nichos artísticos, promover noites de fado, declamações de poemas e música sacra.

No dia dos museus, o Cemitério dos Prazeres proporcionou visitas guiadas à noite, culminando num concerto na capela onde juntou mais de 200 pessoas.

Estas atividades, segundo Licínio Fidalgo, não atrapalham a atividade normal do cemitério.

“Quem faz as visitas não tem contacto com os jazigos e se lá estiver alguém a tratar dos mesmos, muito rápido se avança para o próximo”, explica.

Em relação aos donos dos jazigos, Licínio Fidalgo afirma que 99% estão contentes com o trabalho da administração, pois esta valoriza o seu património. O restante 1% dos donos apenas discordam com as classificações atribuídas aos jazigos.

Estas e outras opiniões são algo que a administração tem muito cuidado pois reconhece que apesar de tudo, trata-se de um cemitério e as pessoas estão bastante fragilizadas e sensíveis.

“As pessoas da secretaria estão alertadas que o atendimento tem de ser mais calmo do que em qualquer outro sítio. Nós temos de ter paciência com as pessoas e daí não podemos fazer as coisas “à toa”, afirma o coordenador, “não podemos colocar um comunista ao lado de um democrata”.

O Turismo de Cemitério é já reconhecido em outros países com mais seguidores, para o qual existe a Associação de Cemitérios Significativos da Europa (ASCE, sigla em inglês), uma rede europeia, sem fins lucrativos, composta por organizações públicas e privadas encarregues por cemitérios com valor histórico ou artístico.

Em 2009, a ASCE criou a Rota dos Cemitérios Europeus constituída por uma equipa de especialistas na área do turismo, em parceria com um comité científico, que oferece um conjunto significativo de cemitérios com elevado interesse.

Portugal está inserido nessa rota não pelo Cemitério dos Prazeres, mas pelos Cemitérios do Prado do Repouso e Agramonte do Porto.

Sobre o facto do Cemitério dos Prazeres não fazer parte da Rota dos Cemitérios Europeus, Licínio Fidalgo afirma que não sabe o motivo e que já perguntou mas ninguém o soube esclarecer.

“Agora estamos à espera da reestruturação dos nossos serviços para avançar”, esclareceu o coordenador que só recentemente tomou conhecimento da existência da Rota dos Cemitérios Europeus, confessando a sua surpresa do Cemitério dos Prazeres não estar incluído.

RZF

Lusa/Fim